

**HOLLANDA — CIDADE DE LUXEMBURGO.**

A CIDADE de Luxemburgo, capital do grão ducado d'este nome (parte hollandeza) divide-se em cidade *alta* e *baira*. A alta, sem duvida mais importante, é edificada sobre a extremidade de uma cordilheira de montanhãs, cujas summidades formam uma vasta planura: a cidade baixa essa acha-se situada no meio de um profundo valle, por onde serpêa, formando graciosas curvas, o pequeno rio denominado *Alzette*.

É Luxemburgo praça de guerra de primeira ordem. Duas das mais valiosas obras de arte que ali se encontram não se emprehenderiam talvez se não fôra aquella circumstancia: a primeira é um profundo poço artesiano, para abastecer de agua toda a população, quando os sitiantes intentem e consigam desviar a corrente do *Alzette*; a segunda são os vastos subterraneos abertos no seio do montanha sobre que está assente a cidade alta, onde podem recolher-se com toda a segurança e até commodidade muitos milhares de pessoas, ficando assim ao abrigo das bombas e outros projectis.

Ainda que esta praça, pelas suas fortificações verdadeiramente formidaveis, pareça inexpugnavel, tem comtudo soffrido alguns sitios cujo resultado desmente até certo ponto a sua reputação. Em 1434 foi atacada por Philippe, duque de Borgonha, que conseguiu, n'uma noite tenebrosa, tomal-a d'assalto.

Em 1512 e 1544 foi conquistada e saqueada pelos francezes, e em 1545 pelos imperiaes. Em 1684 Luiz XIV apoderou-se da cidade, e a separou do resto da Belgica. Este ultimo sitio deu assumpto a um quadro, que se conserva no museu do Louvre. Em 1802 Luxemburgo, expugnada pelos francezes, caiu novamente em seu poder. Sob a republica e o imperio foi esta notavel povoação incorporada á França, gosando por algum tempo das preeminencias de capital do departamento de *Forêts*.

A origem do Luxemburgo é mui incerta. Suppõe-se porém que fôra seu fundador o imperador Galliano, Sigifredo, seu primeiro conde, com o intento de a preservar da invasão dos normandos, mandou levantar as muralhas, que em grande parte ainda hoje existem.

#### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

##### CEREMONIAS DA ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO IV.

Em seguida collocou-se o condestavel á direita do rei, e dous degraus abaixo o alferes-mór, os arce-

bispos de Lisboa e Braga, o inquisidor geral, e o bispo de Targa, deão da capella real. Tomaram logar á esquerda o mordomo-mór e os mais officiaes-móres, e os titulares. O camareiro-mór e o guarda-mór postaram-se por detraz da cadeira real. Os reis d'armas, arautos, passavantes, e porteiros de maça estavam no segundo degráu junto ao tablado. Seguiam-se a estes os senhores de terras, alcaides-móres, fidalgos, e membros de tribunaes. Como é do estylo em taes actos só el-rei estava sentado; todos os mais de pé e descobertos.

Logo que todos tomaram os seus respectivos logares o rei d'armas Portugal disse em alta voz: «Manda el-rei nosso senhor que n'este acto vão jurar e beijar a mão os grandes, titulos seculares e ecclesiasticos e mais pessoas da nobreza, assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo de alguém.» E pouco depois bradou tres vezes: «Ouvide, estae attentos.»

Subiu immediatamente alguns degráus do throno o desembargador Francisco d'Andrade Leitão, e d'ahi recitou um discurso, em que expoz os direitos que o duque de Bragança tinha á corôa d'este reino, e as injustiças e desgraças sobrevindas ao paiz com o dominio de Hespanha. Acabou por certificar o soberano da firme resolução em que estavam os povos de consagrar suas vidas e fazenda á defesa do seu throno, accrescentando estas notaveis palavras: «Porque todos estão persuadidos, certificados, e muito inteirados que defendem justiça, e que os ha vossa magestade de governar com justiça, porque sem ella nenhuma republica pode ir em crescimento; que os ha vossa magestade de sustentar e manter em paz quanto for possivel, porque com ella crescem as cousas pequenas, as grandes se fazem maiores, e com discórdia e máu governo se extinguem, perecem e acabam os imperios; e que lhes guardará e fará vossa magestade guardar suas leis, seus usos e costumes louvaveis, seus foros, seus privilegios e isenções, suas liberdades, prerogativas, preeminencias e franquezas, fazendo-lhes em tudo honra e merecê, porque com ellas se concilia mais o amor dos vassallos, em que consiste a maior riqueza e a maior opulencia dos reis.»

Acabado o discurso collocou o reposteiro-mór junto d'el-rei uma cadeira coberta com pannos de veludo. Poz n'ella uma almofada e outra aos pés do soberano. Sobre a primeira veio o capellão-mór depositar um missal aberto e um crucifixo. Aproximaram-se então os arcebispos de Lisboa e Braga e o bispo inquisidor geral, e ajoelharam junto á cadeira em que estava a cruz e o missal em frente d'el-rei, ficando no meio o primeiro d'aquelles prelados. Sua magestade ajoelhou immediatamente, e tendo passado o sceptro para a mão esquerda, e com a direita pousada sobre a cruz e Evangelho, proferiu alto e com voz clara o seguinte juramento: *Juramos e promettemos de, com a graça de Nosso Senhor, vos reger e governar bem e direito, e vos administrar indecivelmente justiça, quanto a humana permittir, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, merecês, liberdades e franquezas, que pelos reis passados nossos antecessores foram dados, outorgados e confirmados.*»

Tendo-se sentado o monarcha, e voltando os prelados aos seus respectivos logares, passou o secretario d'estado Francisco de Lucena a ler a formula do juramento, preito e menagem, que os representantes dos dous estados, clero e nobreza, deviam prestar. Feito isto ajoelhou junto da cadeira em que estavam o missal e a cruz, os quaes o reposteiro-mór e capellão-mór tinham afastado mais para o lado esquerdo a fim de deixar logar para o beijamento.

D. Miguel de Menezes, duque de Caminha, foi o primeiro que prestou juramento, dizendo em alta voz: *Juro aos Santos Evangelhos, corporalmente com minha mão tocados, que eu recebo por nosso rei e senhor verdadeiro e natural ao muito alto e muito poderoso rei D. João IV, nosso senhor, e lhe faço preito e menagem segundo o fôro e costume d'estes seus reinos.* Depois foi beijar a mão a el-rei. Todas as mais pessoas, á maneira que iam chegando, sem precedencias, junto do missal ajoelhavam, e com a mão sobre o Evangelho repetiam unicamente estas duas palavras: *Assim o juro*, indo em seguida beijar a mão do soberano. O marquez de Ferreira, porque estava servindo do condestavel, e o secretario d'estado Francisco de Lucena, por estar assistindo ao acto do juramento, foram os ultimos a jurar.

Concluida esta cerimonia disse el-rei ao seu ministro, que acceitava o juramento, que os dous estados acabavam de lhe fazer, e logo o mesmo secretario d'estado dirigiu-se aos circumstantes n'estes termos: *El-rei nosso senhor acceitou os juramentos, preitos e menagens, que os grandes, titulos seculares e ecclesiasticos, e mais pessoas da nobreza, que estae presentes, agora lhe fizestes.*

O rei d'armas Portugal bradou então por tres vezes — Ouvide — e o alferes-mór, desenrolando a bandeira, ergueu o brado: *Real, real, real, pelo muito alto e muito poderoso senhor D. João IV rei de Portugal.* Este brado foi repetido pelos reis de armas, arautos e passavantes. E descendo estes e o alferes-mór até á extremidade do tablado, ahi postos em pé sobre bancos, e voltados para o povo, tornaram a repetir as mesmas palavras, a que correspondeu a immensa multidão, que enchia a praça. Com as vozes entusiasticas do povo veio misturar-se o som festivo dos atabales, trombetas e charamelas.

Concluidas as ceremonias do juramento e acclamação dispoz-se sua magestade para ir á Sé dar graças a Deus por tão feliz successo.

Saiu el-rei pela mesma varanda ou galeria do paço por onde entrara para o tablado, e desceu para a praça por uma escada, que havia na dita galeria. Junto ao ultimo degráu estava a camara de Lisboa com um rico pallio de oito varas, para receber sua magestade. Montou o soberano em um bello cavallo castanho, ajaezado de velludo preto e ouro. Deu-lhe o estribo o estribeiro-mór, e levando de redea o cavallo D. Pedro Fernandes de Castro, na ausencia do conde de Monsanto, a quem pertencia fazel-o na qualidade de alcaide-mór de Lisboa, poz-se o prestito em marcha. Era este mui numeroso e luzido, pois se compunha de todas as pessoas, que haviam tomado parte nos actos do juramento e acclamação, que deixámos mencionados. Iam todos a pé e descobertos excepto el-rei.

Todas as janellas e portas do Terreiro do Paço e ruas do transito até á Sé estavam ricamente armadas. Arêa e flores faziam alcatifa ás ruas, que a tropa guarnecia em alas. Apesar de não ser curto o trajecto, era ainda assim pequeno o espaço e poucas as janellas para accommodar a immensa multidão de povo, que afluira de toda a cidade, dos arrabaldes, e até de terras distantes para ver tão solemne funcção, e participar do regosijo e entusiasmo que a todos embriagava.

Dirigiu-se o prestito do Terreiro do Paço ao largo do Pelourinho velho, onde devia ter logar a entrega das chaves da cidade. Assim que el-rei chegou diante de um estrado com tres degráus, que haviam levantado para esta cerimonia á entrada da dita praça, parou o acompanhamento. Subiu então ao estrado um dos vereadores da camara, e recitou um dis-

curso em que patenteava o alvoroço e alegria dos habitantes da cidade pela entrada e aclamação de seu novo e legitimo soberano, e a decidida resolução em que todos estavam de concorrer para a sustentação de tão gloriosa e patriótica empreza.

Acabado o discurso o conde de Cantanhede, presidente da camara, pegou nas chaves da cidade, as quaes trazia o vedor das obras do municipio em uma bandeja de prata dourada, e ajoelhando as entregou a el-rei, que as accitou e restituiu logo.

Proseguiu o prestito para a cathedral, a cuja porta veiu receber el-rei o arcebispo de Lisboa em vestes pontificaes, acompanhado de todo o seu cabido, e com a reliquia do Santo Lenho nas mãos. Depois de ajoelhar e beijar a reliquia, entrou no templo, que se achava armado com grande magnificencia, e foi direito á capella-mór, onde se achava exposto o Santissimo Sacramento. Terminados os hymnos, orações e benção, que a Igreja destina para estas solemnidades, voltou sua magestade para o palacio com o mesmo acompanhamento.

Assim terminou uma das maiores solemnidades nacionaes de que a historia portugueza guardou memoria. Tem havido n'este paiz funcções em que a realza tem ostentado mais magnificencia, mas nenhuma como esta em que aos esplendores do throno viessem acrescentar tanto brilho as galas e enthusiasmo do povo.

#### I. DE VILHENA BARBOSA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

#### VII.

O SERVIÇO foi immenso, e o sacrificio generoso; mas a fama do escriptor padeceu com as fadigas e violencias do combate. Na luta que travou, e que se aggravou com a resistencia, a perfeição e a originalidade do poeta offuscaram-se. Para accudir á dicção desacurou o plano e a contextura; desaprendeu o tacto delicado em adequar as proporções ao assumpto, e fugiu-lhe o *mens divinius*, que povoa de figuras proprias as ficções que o talento faz viver. Estas faculdades superiores debalde se procuram em Francisco Manuel. As suas Galathéas são estatuas, e a chamma do genio, principio da individualidade e do sentimento na creação intellectual, não visita senão de longe, e por assômos, as composições do velho Philinto. Por muito conversar os mortos, decorando as suas feições immoveis, perdeu a flor da vida em si; e a fria imitação poucos raios de luz encontrou para se aquecer. Os seus Apollos, Dianas, Joves e Cyprias, cortejo vulgar com mais de duzentos annos de uso, satisfazião-no cabalmente. Apresenta-os sobre muletas como se fossem remogados em milagrosa juventude. Taes como os acha, assim os introduz!

A adoravel Velleda dos Martyres, e o risonho phantastico de Oberon parece que o não obrigaram a meditar. Traduziu-os como exercicio, e gostou-os só como difficuldade? Por elles não anteviu o novo mundo, que descobriam, no maravilhoso, nos affectos, e na elegante liberdade? Accessivel em tantos raptos á deliciosa melancolia christã, sensivel de coração e facil na ternura pela experiencia do infor-

tunio, embebendo-se-lhe o pincel não poucas vezes nos prantos amovaveis da tristeza, porque receia demorar-se, e tão depressa esconde a nodoa de uma lagrima, voltando costas aos thesouros, que a veia encerra?

Coincidencia notavel! É do mais romano dos nossos vates que tira uma das suas origens a escola moderna. O poema de D. Branca quiz a Philinto por padrinho: o de Camões ufana-se de o lembrar. Como se explica uma influencia tão contradictoria no sentido? Em que se fundam os titulos do auctor das odes aos *Novos Gamas*, ao *Albuquerque*, e a *Washington*, para o seu vulto se erguer no limiar de uma epocha de renascimento e innovações — elle o poeta classico na fé e na essencia — elle o conservador zeloso das tradições do Parnaso?

A sua gloria consistiu em concluir o que Bocage principiou, em completar pelo cunho nacional, bandido nas obras, a revolução, de que Elmano venceu metade. O auctor do Tritão e da Medéa, plebeu e ardente, appeteceu os applausos do povo, e para os obter veiu das aulas de Minerva aos auditorios da praça publica. Como o verso era a sua lingua, aonde lhe acudia o enthusiasmo, e o assaltava o delirio do estro, ahí soltava o canto, accitando sem exame os preceitos dos restauradores das letras no reinado do marquez de Pombal. Em Philinto, pelo contrario, inutilmente lutavam os desejos e as intenções romanas contra a indole do engenheiro. Esta prevalecia. É facil indicar até nas idéas e trechos imitados o reflexo especial de que se coram. Toda a sua poesia, sem elle sentir, lhe tomava esta feição particular, e debaixo do falso trajo das divindades pagãs, guardava o ar, o gesto e o dizer da patria. O influxo das suas versões romanticas não concorreu menos para nacionalisar a arte. O cabedal de vocabulos e as riquezas de phrase que ostentou, em emulação com os originaes, provaram as posses da lingua para tudo; a verdade dos sentimentos e a propriedade e franqueza das formas attrahiram as sympathias e a curiosidade. Se Francisco Manuel, timido ou fanatico, não concebeu o que promettiam estes bellos horisontes, ou não teve animo de voar para elles; homem do passado, se a mudança lhe agradava nos outros, e o assustava em si, preferindo ficar e morrer com o seculo, em que nascêra, fervia a impaciencia no peito de uma geração nova audaz de pensamentos, e cubigosa de sacudir o jugo de todas as unidades poeticas e litterarias.

Entrando na carreira, reputou-a acanhada; as balizas eram tão perto, que não havia espaço para a liberdade dos movimentos. Por outro lado, ainda lhe soavam nos ouvidos as vozes dos auditorios, applaudindo em Bocage o plebismo da poesia, e nas obras de Philinto o sabor e a tendencia portugueza. D'ahi á revolução distava um passo. Deu-se. Dous poemas nacionaes pelo assumpto e colorido foram o signal: e o povo, que não ama e entende bem senão o que lhe falla na sua lingua e das suas cousas, o que o entretém das suas saudades e das suas crengas, correu a abraçar a novidade e a reconhecer-se n'ella. Os classicos durante a invasão dormiam ao som das bucolicas e das versões do theatro francez; e quando acordaram, acharam-se sós. A fortuna tinha passado com o successo para o campo inimigo. O que restava aos pastores virgilianos e aos ex-consules da republica de Aristoteles? Apenas o arco e as frechas do padre José Agostinho!

Em poucos annos a reacção triumphou, e a poesia propriamente portugueza tomou posse da influencia, de que a esbulharam os commentadores dos chamados codigos greco-romanos. Macedo, o ultimo repre-

sentante da Arcadia, achando o throno vago pela morte de Bocage, occupou-o, e foi da sua geração o que se demorou para encerrar a epocha. Antes d'elle fechar os olhos tinham-se calado os antigos combatentes, uns na sepultura, outros, como D. Gastão e o Morgado de Assentiz, recolhendo-se ás locubrações modestas. Assim, desaffrontado de emulos, Elmiro Tagideo dispoz com inteiro arbitrio da censura e do louvor, dictou leis absolutas, e Juvenal plebeu saciou-se a tiros de setta e a rasgões de satyra nos maus auctores, dos quaes fez uma verdadeira carnificina. Nunca o hospital das letras recebeu tantos feridos e estropeados como durante a dictadura do critico tonsurado.

Os adversarios, que offendia e provocava, rodeavam-no, batendo as palmas com apupos; este beliscava-o em metros paralyticos ou em mascavadas prosas; aquelle exauctorava-lhe a erudição e a competencia em analyses ensopadas de fel, e exaltadas na aversão. Uns copiando-lhe o feitio do chapéu e o talho quasi talar da casaca ecclesiastica, traziam-no em vera effigie por meio de Antonio Xavier no «Mau Amigo» para as taboas do palco, expondo-o, como alvo, á risada publica; outros forjando os versos vingadores da Agostinheida, penduravam o flagellador incorregivel no patibulo heroi-comico de um libello á luz dos relampagos de engenho, que o odio fuzilava do coração de Pato Moniz!

De que servia isso tudo? Macedo não succumbiu; e quando mais o accessavam virava as prezas aos imprudentes, e desferrava de uma vez as pequenas contusões de muitas semanas: já não existia nenhuma dos athletas dotados de pulso para o conter, e elle, folgava com a impunidade, aparando em estudo facil os attentos de toda a seita bocagiana, amaldiçoando o velho, logado detractor da gloria de Manuel Maria.

O que devia sentir o velho Agostinho, se visse a honra e o credito do seu nome, que ameaçava não somente a pessoa, mas as instituições poeticas e o Pantheon, em que pronunciava os seus decretos. As avangadas da escola, então denominada romantica, destacavam-se da Alemanha, da Inglaterra, e da França, aonde foram as primeiras e grandes batalhas, e vinham tocar os clarins victoriosos ás margens do Tejo. Já nos ultimos annos do seu reinado, Macedo encontrava-se com os campeões da heresia da arte, como diriam os Flamines de Horacio, e alguns tiros voaram de parte a parte. Se o cantor da Meditação podesse ler no porvir, e adivinhasse o destino das obras, que mal honrava talvez com um sorriso sceptico, ou com um movimento de hombros, a dor de ver proxima a declinar a sua fama, e a inveja da gloria alheia, de que raiva lhe não envenenariam o orgulho para carregar o retrato dos *illuminados* da litteratura!! Quantas paginas acerbas iriam augmentar o archivo das suas vindictas, o poema dos Burros, aonde o verso nervoso e a expressão pungente aggravam o delicto ao genero!

Mas o porvir tem adiante espesso véu. Torneando ás escuras, e não medindo o alcance dos botes, o satyrico, fiado na fortuna, recostou-se nos louros, suppondo-os eternos. Para cevar as iras desguarneceu as posições importantes, e instaurando processo aos grandes nomes da poesia, desde Homero e Virgilio até Camões, cimento da reputação dos mortos, como do louvor dos vivos, ajudou a abater os altares da auctoridade classica. Creadas forças para substituir ás ficções gastas, a poesia nacional adiantou-se mais levemente encontrando a estrada sem guardas, e o accesso livre para o tribunal do gosto. Depois era comparativamente facil. Estavam os elementos

promptos e a occasião madura. Bocage, Philinto, José Agostinho, tinham entre os tres acabado o mais arduo da campanha. Nenhum percebeu para si na bôca de Virgilio o famoso verso da quarta ecloga:

Jam nova progenies coelo dimittitur alto!

Obedeciam á indole, serviam o capricho, e, sem o quererem, eram as vozes de um pensamento ainda confuso. Francisco Manuel nacionalizando a poesia, Elmano trazendo-a das academias para o meio do povo, e José Agostinho escarnecendo o respeito dos traslados impostos, e a pobreza dos copistas. Como acontece vulgarmente, trabalhando por conta do futuro, todos ignoravam que transpunham as fronteiras da sua epocha!

Mas nenhum recebêra em dote os favores, com que as musas enriqueceram Bocage. De todos os poetas do seculo anterior e dos principios do actual, o seu valido, o seu eleito foi Elmano. Disseram-lhe segredos que os outros não souberam; prendaram-no com o maravilhoso dom de engrandecer o assumpto. Calor da alma para realçar a paixão, pompa de phrase e magestade de metro para a pintar, ninguém as possuiu em maior grau. Ouvido para afinar a harmonia dos sons, para sentir a melodia dos affectos, e inspiração para infundir a vida em ambas descendo radiosa, nunca lhe faltaram, antes sempre o socorreram.

Na effervescencia dos primeiros annos, entusiasta e cantor arrebatado, transportou para o verso o natural violento e insoffrido, que foi em parte o incentivo dos milagres d'aquella ardente phantasia, e que era na existencia pratica o cruel inimigo do seu socego, e o precipicio facil do mais espantoso talento. Olhado de cima, e fora da rigorosa analyse, os raios, que despede, cegam e paralisam a critica. Os artificios, a riqueza e a elevação da forma poetica, não deixam ver senão as bellezas. Atraz da atropellada torrente, solta dos labios em cachões de fogo, mesmo as almas prosaicas, desejavam azas para subirem por momentos ás espheras por onde vagava ao vate a mente endeusada. Escutando-o fugia da vista o jugo da imitação, cuja sombra a miudo escurece o lustre dos seus cantos, e parecia que o espirito, não cabendo no mundo conhecido da arte, e superior a elle queria romper por novos trilhos! Era o effeito seductor da viveza das cores, da illusão da palavra, e da magia dos sons restaurando o antigo quadro em galas proprias. Se a idéa se remontasse á altura dos arrojos da palavra, se a intuição do bello se animasse do mesmo poder, se a concepção, e a sciencia igualassem a lingua e o ouvido, o maximo poeta da sua epocha fôra Manuel Maria, e o pedestal, que lhe levantaram os applausos dos auditorios, seria o throno, d'onde reinam com os seculos Virgilio e Homero, Ariosto e o Dante, Camões e Milton. Infelizmente não! O pensamento inventivo empallideceu ao pé do esplendor do estro. A faculdade de crear esmorecia, ou pouco ousava: e os traços, que fazem immortaes as ficções da imaginação, quasi sempre sujeitos, e raras vezes emulos e livres, davam o reflexo da belleza alheia, em lugar de expressarem o typo ideal da propria musa.

Igneas canções brotei, co'um deus na mente!

Exclamava devorado de orgulho e despeito contra os zoilos, que o deprímiavam. E assim era. Ao repentista assistiam a alma e o genio nas promptas explosões. Pela segunda vista interior, a virtude por excellencia do poeta, passavam arremessados e im-

petuosos os affectos; o metro, fremente e audaz, vestia de inflammadas imagens os filhos da lyra, gerados de um repente fascinante; mas pouco depois, e apagados como visões da exaltação febril, o que restava d'elles? Uma qualidade mais fatal, do que proveitosa á verdadeira gloria, não lhe podia dar o que não encerra. E embora dissesse

Sinto no coração, na voz, na mente  
Tropel de affectos, borbotões de idéas!

A fria razão, e o gosto não adoptaram, nem deviam, os fructos na verdura, que o delirio fez cair, e não colheu amadurecidos com o aroma e graça natural.

A originalidade, digna de durar, e a formosura, que não perece, atravessando as idades, nunca se deixam profanar aos olhos do vulgo, nem cedem menos castas aos amplexos da ebriedade poetica. Aquelle amor, sorriso e encanto dos primores nas artes, como o perfume de certas plantas, esvae-se, quando o tacto menos melindroso lhes magôa as folhas. A claridade que illumina os grandes monumentos, e a luz divina, ser e vida das creações do pensamento, não chegam á posteridade, fuzilando relampagos de entusiasmo ephemero. Revelam-se no silencio, crescem no recato, e flores do sentimento, não formam a corôa do genio, senão depois do sol da inspiração, alto e contínuo, lhes rosar as petalas, e desenvolver as formas. E a lima de dez annos pedida por Horacio. É a reflectida e sublime composição de Virgilio; é em fim, com menor esmero, e com menos perfeição tambem, o lavor das obras modernas merecedoras da sua fama.

Entretanto, de não confundir a facilidade perigosa com a fecunda criação, vae longe a negar-se absolutamente o dom da invenção. Já se disse e importa repetil-o; em Bocage ha duas physionomias, que se distinguem, e dous poetas, que se contradizem. O repentista e o grande auctor. O primeiro altea-se e precipita-se, paira sobre as nuvens, e arrasa a terra, conforme a vehemencia da exaltação, e o instantaneo vigor do impeto. O segundo, apaixonado e magestoso, teve lagrimas para a dor, rasgos profundos para o ciume, suspiros para a ternura, desenho e colorido para as paixões.

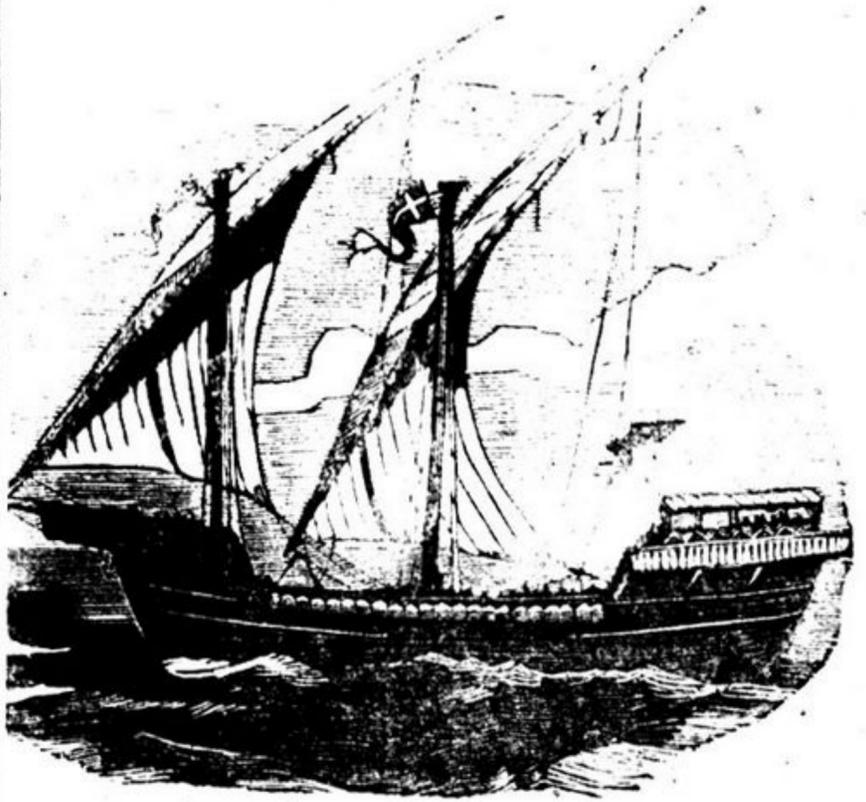
Ninguém sabe o que lhe reservava o futuro. Ninguém hoje inclinado sobre um tumulto é capaz de sondar nas cinzas frias as posses d'aquella intelligencia extincta antes de se revelar inteiramente, nem os prodigios de um engenho, que não entrou nunca em luta, que perdesse. Julgal-o pelas suas obras, não é se não soletrar incompletamente em um epitaphio, que a morte vedou acabar. Os defeitos foram os excessos das suas qualidades. As prendas, que lhe enobreciam o talento, eram joias admiraveis da vocação feliz; o exame e meditação dos modelos, a pausa e a reflexão do trabalho, na idade propria deviam determinar uma phase nova: a das produções de longa e esmerada execução. A tragedia e a epopéa, para as quaes voltava já o ardor, offereciam-lhe baze bastante vasta, para se dispertarem faculdades, que talvez estivessem adormecidas esperando pela sua hora.

Não é no arruido e no viço dos annos de inquietação, que os pensamentos d'esta grandeza têm occasião de tomar corpo. Antes de fallar a lingua de Homero, ou de Virgilio, o vate mais favorecido ensaia as forças, e degrau por degrau sobe as escadas, que levam á maior elevação da forma e da idéa. A copia de noticias e de saber que requer o poema epico; e o conhecimento profundo e geral do coração humano, que exige a interpretação dramatica,

não se adivinham, adquirem-se consecutivamente. Qualquer das duas manifestações mede a difficuldade a que se abalança, e por uma absorpção lenta e contínua, vae colhendo na experiencia, no estudo e no espectáculo da vida das nações e dos individuos o immenso cabedal de que precisa.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA



NAVIO DO DECIMO TERCEIRO SEculo.

DESDE a epocha semi-barbara da idade media até ao nosso seculo, em que se applicou o vapor á marinha, descoberta importantissima e verdadeiramente civilisadora, que, encurtando as distancias, aproximou os homens todos uns dos outros, a forma e apparelho dos navios empregados no trafego commercial, ou no serviço militar, tem soffrido immensas modificações.

Basta lançar os olhos para a nossa gravura, que representa um dos navios que faziam parte da armada com que S. Luiz, rei de França, se dirigiu á Terra Santa, para conhecer, de um golpe de vista, a grande e enorme differença que apresenta com relação ás actuaes construcções maritimas, ainda as mais imperfeitas; e todavia o navio do decimo terceiro seculo symbolisava um grande progresso, comparado aos que se usavam nos seculos anteriores.

Pouco temos que dizer sobre a forma e dimensões do navio do 13.º seculo. A maxima parte dos que foram na frota de S. Luiz regulavam pela força do *Santa Maria*, fretado aos venezianos. Este era de duas pontes e dous mastros, tinha uma especie de galeria de combate á pôpa, e á prôa outra construcção quasi similhante. Tripulavam-no 110 marinheiros.

Toda a armada de S. Luiz compunha-se de mil e outocentas velas, conduzindo 40:000 infantes e 2:800 cavalleiros: os almirantes eram os dous genovezes Lercari e Levanto.

O resultado d'esta expedição foi, como todos sabem, desastroso, para o santo rei, que em subsequente campanha a Tunes, pereceu victima do seu fervor religioso, no dia 25 de agosto de 1270.

## SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matára antes quando vivo.

JUIZES, cap. XVI, v. 30.

## II.

## O BAZAR DE MACAU.

APENAS começava a alvorecer o dia 27 de outubro, saíu João Antonio de casa da timora, e dirigiu-se para a alfandega. Este edificio grandioso, que serviu em outro tempo de casa fiscal do porto, estava agora repartido para diferentes usos, visto que Macau havia sido declarado porto franco; ácerca d'este enorme erro governativo, bastante e bem se tem escripto, e uma tal discussão está fora do nosso programma. O motivo que levava João Antonio n'aquella direcção era ser o espaçoso caes da alfandega o logar em que communmente embarcavam e desembarcavam as tripulações dos navios de guerra, tanto dos surtos no rio como dos ancorados na Taipá, pequeno porto defronte da cidade, onde então se achava a fragata D. Maria II.

Ligeiros *tancás* (pequenos barcos, cujo nome se traduz por *casca d'ovo*) guarnecidos por engraçadas mulheres chinezas, que fallam um *patois* portuguez divertidissimo, não pronunciando o *r* e substituindo-o sempre pelo *l*, e fazendo ainda outras transformações, tudo em cadencia musical, conduziam a bordo os nossos maritimos, alguns dos quaes morriam de amores pelas bellas tripulantes. E em verdade que tinham razão; aquellas carinhas morenas das tancareiras, molduradas em optimos cabellos, escuros como os seus olhos pequeninos, mas vivos, com lindos dentes, mãos pequenas, pés delicados, apesar de costumados a andarem descalços, estatura baixa mas esbelta, traço assás pintoresco; cabaia e calça azul ou preta, lenço de cores vivas na cabeça, sapatos de prodigiosa altura, um certo requebro no andar, era tudo isto de certo muito mais bonito do que os rostos cobreados das timoras, e d'essas raças cruzadas de malaio, chim e europeu, que parecem haver sido achatados ainda no berço. Até aquelles larquinhos, onde ellas vivem de dia e de noite, parecem chamar os passageiros pelo seu extraordinario accio; e com tudo dentro de um fraco tancá, tem uma familia o seu pagode, especie de deuses penates, sempre alumiado e bornido; cosinha, cama, bancos, em fim a mobilia completa de uma pobre casa; as tancareiras ahí vivem, ahí cozem o seu arroz e o comem, ahí dormem, rezam e folgam. A sua religião manda-as dedicar á alegria até encontrarem marido, e ellas cumprem á risca este preceito, em quanto um esposo feliz não oppõe a barreira do hymineu a essa torrente de loucuras; desde então a tancareira tornou-se uma mulher seria; não ri para o viandante, nem responde a nenhuma provocação, senão mostrando uma fita preta que lhe cinge o pescoço, e que quer dizer: sou casada. A variedade acabou para ella!

Os nossos marinheiros e soldados gostavam apaixonadamente de tudo isto, e João Antonio, que contemplava agora algumas d'ellas, empregadas a lavar escrupulosamente os seus barquinhos, comparava-as com Floriana, e dava-lhes a preferencia: porém, se

elle fugia para a baixa do Monte, é porque a heidiondez da sua figura causava terror áquellas acieadas creaturas, que fugiam d'elle chamando-lhe *diabo*, e não sei quantos nomes mais, que haviam aprendido em portuguez, para insultarem os que se portavam mal. As pobres tancareiras até tinham medo de o conduzir a bordo, mas com isso se importava elle pouco; e ía saltar para dentro de um barco, para obrigar as raparigas a leval-o á fragata, quando enxergou a *lorcha* do serviço do seu navio, que vinha atracando ao caes, para receber a ração da maruja. Um fiel de generos, que vinha na pôpa da *lorcha*, saltou immediatamente para terra, e vendo o fiel d'artilharia, disse-lhe:

— «Ó João Antonio, não vás para bordo sem arranjar alguma carta de empenho para o commandante; olha que está desesperado contigo, por ficares em terra. Bem sabes que elle não pernoita fóra do navio, por mais duro que seja o tempo.»

— «É verdade,» respondeu o velho fleugmaticamente; «mas é que elle se adormece em casa dos seus amigos acordam-n'o a horas de ir para bordo; e eu adormeci em casa de Floriana, e só acordei ha meia hora. Em todo o caso, sigo o teu conselho, não vou para a Taipá.»

— «Mas toma conta em arranjares a carta quanto antes.»

Dizendo isto, o fiel de generos encaminhou-se para a porta da alfandega; em quanto o patrão da *lorcha*, um velho chim, tendo desembarcado, contemplava de perto, com o sorriso peculiar áquella raça especuladora e hypocrita, o rosto macilento do condestavel, e adivinhava, atravez da mascara de placidez que o cobria, qual era a porção de fel que havia n'aquelle coração, e que ía a trasbordar-lhe dos labios. Não se enganou. João Antonio, julgando-se só, e possuindo em alto gráu o defeito dramatico dos monologos, começou a vociferar por entre dentes:

— «Maldito homem! Nada perdôa!... Pois tambem eu lhe não perdoarei. Aquella timora contou-me uma historia de não sei que vingança, do marido ou de outro... Talvez fosse uma boa idéa... mas se eu nada ouvi, deu-me o somno! É o mesmo, seguirei o primeiro pensamento.»

O chim acompanhava com o sorriso, tornado cada vez mais bondoso, as palavras meio confusas do *christão* (termo para designar qualquer estrangeiro na China, quando lhe não chamam *diabo*, o que tambem é muito vulgar). Aproximou-se lentamente d'elle, e tocou-lhe muito de leve no hombro; ainda assim João Antonio virou-se sobresaltado.

— «Que queres tu, Ahuy?» perguntou o velho em tom desabrido.

— «Penso como tu, e como tu desejo vingar-me, João Diabo.»

— «Quem te disse...»

— «Adivinhei eu tudo,» atalhou o chim, adocicando ainda mais o seu já assucarado risinho.

João Antonio mediu de alto a baixo este homem, miseravelmente coberto por uma meia cabaia de còr duvidosa, e esfarrapada, descalço, e com a cabeça apenas tapada por um chapéu de palha, já roto tambem. Isto foi o que elle viu quanto ao vestuario, porém no rosto não pode ler cousa alguma. O sorriso do chim chegára a ponto de rebufado, porém nenhum de seus musculos se contrahiou ou dilatou sob o olhar do soldado; os olhos pequenos e enviados, enxergavam-se como atravez de uma rara lamina de gello, e elle aflagava com as mãos calosas alguns cabellos brancos que lhe pendiam da barba, ou torcia a ponta do rabicho, que acabava em um

cordão de torçal vermelho. João Antonio esteve quasi a dar-lhe um furioso cachação, maneira amigavel de todo o bom christão tratar um chim!... porém teve curiosidade de saber o que aquelle homem lhe queria. Apesar de estúpido de seu natural, e embrutecido pelo uso immoderado de bebidas alcoolicas, o fiel d'artilheria comprehendia perfeitamente que o patrão da lorcha não viera despendar aquella somma de sorrisos, e affrontar as suas iras, sem para isso ter fundados motivos. Resolveu-se pois a perguntar a Ahuy o que queria.

— «Vingar-me. Não t'o disse já?» respondeu o homem do Cathay. «Tu desejas ver morto o commandante, e eu preciso que morra o tenente Osorio. Queres que nos ajudemos mutuamente?»

— «De que me podes tu servir?» replicou o condestavel com ar de desprezo.

— «De tudo, porque pertenço a uma sociedade inimiga dos christãos, que tem uma casa filial em Macau, e que trata de inutilisar a esquadra portugueza.»

— «Sim?»

— «É a verdade, e tu podes vingar-te, ganhando ainda muito dinheiro.»

— «Isso é magnifico, estou tentado com a tua sociedade!»

— «Pois se queres, o conselho dos anciãos deve estar reunido, e é occasião de seres admittido. Porém toma conta; quem falta ao juramento morre!»

— «Sei d'essas cousas. Lá na minha terra tambem dizem que ha sociedades secretas.»

— «Nas vossas terras tudo se abastardeia, não ha santidade de juramento, nem se guardam segredos. Na China é differente. Existem d'estas associações ha quatro mil annos, e nunca os mandarins descobriram uma só. São ellas que vão mudar a face do imperio, restituir o throno da China á dynastia Ming, e só os associados o sabem!... Mas que te estou eu contando, que te importa a ti com as nossas desavenças; nem talvez as do teu paiz te incomodem.»

O rosto do chim, que por um instante brilhára com a luz do enthusiasmo, caiu na sua habitual placidez. João Antonio, cada vez mais impellido pela curiosidade, apressou-se a responder:

— «Que tenho eu com essas desordens dos grandes, o ganho é para elles só. Vamos nós á tua sociedade, e pelo caminho me contarás o motivo da aversão que tens ao tenente Osorio... que ainda assim, não é dos peiores officiaes da fragata.»

Saindo do edificio, o chim e o christão seguiram pela rua da Alfandega, e viraram á primeira travessa á esquerda, uma das entradas do bazar chinês. Em quanto cruzavam aquellas ruas estreitissimas e immundas, orladas de boticas de commercio e de industria, só coroadas por pequenas sobrelojas, e que arrostando com o turbilhão da gente, e aturdidos pelos gritos dos vendilhões, e dos homens carregados, que pedem logar n'essas acanhadas devezas, clamando aos passeantes que se arredem, iam os nossos homens dirigindo os passos para o sitio de *Matapau* (carpinteiro, em dialecto luso-chim) e contava Ahuy ao companheiro a promettida historia do seu odio ao tenente Osorio, pouco mais ou menos n'estes termos:

— «O chim é reservado, e mostra rosto alegre ao seu inimigo, até ao momento em que possa cravar-lhe o punhal no coração, ainda que seja atravessando-lhe as costas. É mais longo o transito, mas chega-se do mesmo modo, e é mais seguro!»

O soldado, apesar da sua natural ferocidade, não gostou d'este prologo.

— «Surprehendi um segredo de Luiz Osorio, e

lembrou-me de tirar partido d'esta descoberta. Armar os christãos contra os christãos é o nosso melhor meio de triumphar.»

— «Por isso me convidaste?»

— «Tu eras dos nossos ha muito; tens coragem e és inimigo dos teus; o que eu quero é aproveitar-te, para que a vingança se não limite á fragata. Estão cegos esses homens do occidente, não viram nos teus olhos que és capaz de emprehender tudo para lavar uma affronta... cegos! riem-se das tuas palavras; chamam-te fallador... e os seus dias estão contados!»

João Antonio mal podia crer que estava ouvindo fallar o patrão da lorcha, que elle tinha por um idiota; Ahuy proseguiu:

— «Eu podia dizer-te que era o amor das *sapêcas* que me guiava, que era a necessidade de comprar arroz que me impellia... mas não, prefiro contar-te a verdade toda. Eu soube que o tenente Osorio se correspondia com a mulher do Murray, um viajante escocez que vive ali na praia Grande, e lembrei-me de avisar o marido, pedindo-lhe segredo. Era uma boa maneira de os armar um contra o outro... não era?»

— «De certo. E então?»

— «Então? Enganei-me.» O escocez não fez caso do que eu lhe disse, nem me guardou o promettido segredo. A um chim? não merecia a pena!... Em logar de se acautellar e esperar, como um de nós faria, foi-se direito a Osorio, a primeira vez que o encontrou, e disse-lhe tudo. Osorio negou, como era de crer; elle riu-se, e convidou-o para jantar, e eu...»

— «Pobres costas d'Ahuy.»

— «Adivinhaste... pobres costas! Hoje, antes de romper o dia, fui amarrado na pròa da fragata, e surrado sem piedade, na presença e por mandado de Luiz Osorio. Ainda me escorre o sangue das costas...»

— «Isso não é novo para mim, estou bem marcado da chibata; e quem sabe se ainda me espera a bordo.»

Chegavam a Matapau. Enfiando por um bôco mais estreito ainda, e, se é possivel, mais lamacento do que os precedentes, Ahuy fez parar o portuguez, e disse-lhe que o aguardasse em quanto ia prevenir os anciãos. João Antonio cruzou os braços, e esperou, sem poder adivinhar o desfecho d'esta estranha aventura. Ahuy entrou na porta de um *chale* (especie dos nossos pateos antigos) e sumiu-se por uma das muitas portas de miseraveis habitações, que para ali abriam; passados porém alguns minutos, voltou a buscar o condestavel, e com elle entrou de novo na mesma casa.

A scena que se passava lá dentro deixou estupefacto o nosso João Antonio. Era uma orgia incrível para elle, que, do genero, só conhecia as mais torpes saturnaes. Alguns homens deitados em pequenos leitos, destinados especialmente para se fumar o *amphião*, chegavam á luz, collocada em pouca distancia, as extremidades do tubo por onde aspiravam aquelle agradável narcotico, a qual continha a pequenina bola de opio; pareciam estar em uma perfeita beatitude. Outros, já embriagados pelo fumo da mesma droga, jaziam em differentes posições, olhando fixamente para o que os rodeava, mas parecendo não terem a consciencia de que viam nem de que sentiam; no meio da sala algumas *louquis* executavam as mais voluptuosas danças, e outras tocando em uns pequenos bandolins, e cantando endexas simples mas apaixonadas, acabavam de embriagar os fumadores. O portuguez ficou em extase perante este quadro, totalmente novo para elle, e Ahuy, aproveitando essa emoção, foi-o arrastando machinalmente para um

canto da casa, tocou em uma mola imperceptível na parede, e no mesmo momento desapareceram os dous em um alçapão, não sem que João Antonio se agarresse fortemente as guelias de Ahuy, por que recebeu uma traição.

Apenas chegados ao pavimento inferior, a taboa que os conduzira theatralmente voltou ao seu lugar, e não puderam ver senão as trevas, segundo a expressão de Delisle.

— «Aonde me conduzes?» perguntou o soldado, não largando o pescoço de Ahuy.

— «É preciso esperar um momento; eu já venho.»

— «Queres-me deixar só e ás escuras?»

— «Tens medo?» disse o chim, dando uma sonora gargalhada.

— «Não, não tenho medo,» tornou o portuguez largando-lhe a guela; «vae-te com os diabos, e volta breve.»

João Antonio não viu por onde passára Ahuy, mas ouviu-lhe a voz já detraz de uma antepara, advertindo-o de que se não movesse do lugar em que estava, porque haviam alçapões perigosos em roda d'elle. O fiel d'artilheria, que pensava a sangue frio, poucas horas antes, em imitar Sansão n'uma estrondosa vingança, quasi que tremia de medo agora; não se moveu e esperou. Passados alguns instantes sentiu cousa que mais ainda o aterrrou. O pavimento em que se achava começou a mover-se lentamente; não sabia se devia ficar parado ou mudar de posição, convencia-se de que o chim o atraçoára, e que algum inimigo seu o queria matar. Figuravam-se-lhe na imaginação esses mil castigos barbaros dos chins, de que ouvira fallar, entre os quaes não é contado como um dos mais dolorosos o rolar o criminoso, ou a victima, dentro de uma pipa cravejada de pregos!... João Antonio quasi que se lembrou de resar, e pedir perdão a Deus dos seus peccados.

Emfim, este estado de perplexidade acabou, como tudo acaba, porém de uma maneira com visos de prodigiosa, o que poucas vezes succede. Os olhos do condestavel foram de repente feridos pela luz de um enorme fogacho, no meio da completa escuridão que o cercava; e quando ponde descerral-os encontrou-se no meio de uma assembléa de anciãos, alguns dos quaes mostrando no peito a aguia dos mandarins, e todos de longos bigodes postiços, que lhe caíam por um e outro lado da bôca, como se vêem nos quadros chinezes, mas não nas ruas e praças de Macau ou de Cantão. O fiel d'artilheria procurou o seu amigo Ahuy, mas não o ponde distinguir entre aquellas caras tão parecidas, graças á tinta e ao cabello postiço, que pareciam irmãos gêmeos.

A um signal do presidente (chamemos assim ao que occupava o centro da assembléa, e pousava em logar mais elevado) cada um dos anciãos se armou de dous taifós, alçando-os com um movimento burlesco: João Antonio, que já havia readquirido a sua serenidade com a presença da luz, e que tinha um solenne desprezo pelos filhos do celestial imperio, deu uma gargalhada, e disse:

— «Se isso é para me assustar, estão perdendo o seu tempo; tomara eu apanhar Ahuy, para lhe perguntar o fim com que aqui me trouxe.»

— «O fim, eu t'o digo,» respondeu o presidente, em mau portuguez. «Nós queremos incendiar toda a esquadra portugueza, e consta-nos, por um de nossos irmãos, que tens em vista servir aos nossos fins, ainda que por differentes razões; queremos que sejas dos nossos, e que a troco de alguns milhares de patacas, estendas a tua vingança as duas corvetas tambem.»

— «Pensarei n'isso...»

— «E guardas segredo?»

— «Como vós guardareis o meu.»

— «Quem responde por este homem?»

— «Eu,» disse um dos anciãos. Era Ahuy.

— «Bem, podes partir.»

E a casa ficou instantaneamente ás escuras.

Seguido o mesmo processo da entrada, João Antonio achou-se á porta da rua, e encontrou o seu amigo Ahuy, que accendia placidamente um cigarro chinez.

— «Metteste-me em boa,» disse o soldado; «os barbaças queriam assustar-me, mas enganaram-se. Vamos para bordo.»

— «Vamos,» respondeu Ahuy; e accrescentou *in pectore*; «este é nosso de corpo e alma.»

Ao mesmo tempo pensava comsigo o fiel d'artilheria:

— «Uma tal revelação vale bem a melhor carta de empenho!»

E regressaram á Alfandega. (Continúa.)

F. M. BORDALO.

#### NOTA SOBRE O CONSUMO DA CARNE EM PARÍS E LISBOA.

O consumo da carne (carneiro, vacca, vitella, porco etc.) (1) em París, no anno de 1851, foi de 69.673:932 kilogrammas, ou de 190:886 kil. e 663 grm. por dia.

Tendo a capital do imperio francez, como consta do *Annuaire du Bureau des Longitudes pour 1851*, 996:067 habitantes; segue-se que cada habitante, n'aquella cidade, consumiu por anno kil. 69,94874, ou grm. 191,640 por dia.

O imposto sobre as carnes produziu, no referido anno, para o cofre da municipalidade, 6.794:779 francos e 5 centimos, ou réis 1.087:164\$648, calculando cada franco por 160 réis. Foi o rendimento diario, termo medio, de réis 2:978\$533. Se distribuirmos o producto do imposto pelo numero de habitantes, acharemos que cada um concorreu, no dito anno, com 1\$181 réis, que vem a ser 3 réis e 16 avos por dia.

Segundo os mappas officiaes, publicados pela alfandega municipal de Lisboa, respectivos ao anno economico de 1852-1853, vemos que o consumo das carnes, na nossa capital, foi de 396:984 arrobas, ou 5.830:900 kil. e 992 grm., ou de kil. 15:975,071 por dia.

Excluindo os dous novos concelhos de Belém e dos Oliveas calculámos que a cidade de Lisboa terá 180:000 habitantes. Logo cada habitante consumiu kil. 32,70990992 por anno, ou grm. 87,1957090992 por dia.

Dos documentos apontados consta igualmente que os impostos lançados sobre as carnes, produziram, na mesma epôcha, réis 329:589\$787, ou 902\$977 réis e 182 avos por dia.

Distribuindo aquella somma pela população conhecemos ter cada habitante contribuido com 1\$831 réis por anno, ou 3 réis por dia!

Por esta nota estatística, colligida com escrupulo de documentos insuspeitos, prova-se a grande desvantagem em que acha collocado o habitante de Lisboa com relação ao de París: pois que o cidadão lisboense consome menos de metade da carne com que se alimenta o parisiense, e paga ao fisco, proporcionalmente, tres vezes mais!! As publicações especiaes cumpre estudar estes factos importantes com relação á economia e hygiene publicas.

(1) Cada kilogramma equivale a 2 arrateis, 2 ouças, e 6 oitavas e meia.